

## A LITERATURA DE GALPÃO NA FRONTEIRA ACADÊMICA

### THE LITERATURE OF THE WAREHOUSE AT THE ACADEMIC FRONTIER

Lora Bertolucci - Elismar Bertoluci de Araujo Anastacio<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo em curso advém de um recorte da tese de doutoramento “Hélio Serejo: Por uma literatura entre as orilhas da fronteira”, cujo objetivo centralizou-se em investigar, em narrativas de Hélio Serejo (1912-2007), a maneira como a fronteira está inserida e as formas pelas quais se relacionam os sujeitos que passam a transitar na “fronteira abandonada” em tempo de pós-Guerra e ocupação territorial. Para tanto, selecionamos as seguintes obras do autor: *Homens de aço: a luta nos ervais* (2008), *Vida de Erval* (2008), *Pelas Orilhas da Fronteira* (2008), *Caraí* (2008), *O Tereré que me inspira* (2008), *Pialando...no Más* (2008), *Carai Ervateiro* (2008) e *No Mundo Bruto dos Ervais* (2008), uma vez que os contos, causos, crônicas, os textos inseridos nessas obras, deslocam-se, sobretudo, da/na fronteira Brasil – Paraguai e seus personagens reais/ficcionalizados vivem uma espécie de nomadismo dispersivo em uma zona de fronteira imaginária, entrecortada – mata adentro – pelos caminhos da Companhia Matte Larangeira (1877-1944). A possibilidade de analisar, nos vãos que se abrem, a partir do cruzar – contínuo e temporal – o sujeito fronteiriço, poderá levar-nos a reconhecer possíveis representações identitárias ainda pouco estudadas.

**Palavras-chave:** Hélio Serejo. Fronteiras. Identidade. Memória. Literário. “Novos sujeitos”.

**Abstract:** The article comes from a current crop of doctoral thesis Hélio Serejo: Por uma literatura entre as orilhas da fronteira” which had the overall objective of investigating Helio Serejo’s narratives (1912-2007), the way border is inserted and the way by which subjects who transit in the “abandoned border” in times of postwar and territorial occupation. In order to do so, the following plays were selected: *Homens de aço: a luta nos ervais* (2008), *Vida de Erval* (2008), *Pelas Orilhas da Fronteira* (2008), *Caraí* (2008), *O Tereré que me inspira* (2008), *Pialando...no Más* (2008), *Carai Ervateiro* (2008) and *No Mundo Bruto dos Ervais* (2008), due to the tales, stories and chronics, texts inserted into these plays shift particularly in the borders of Brazil-Paraguay and their real and fiction characters experience a sort of dispersive nomandism in an imaginary border zone, – in the forest – by the paths of Matte Larangeira company (1877-1944). The possibility of analyzing through the spaces, from the crossing – continuous and by the time – the border subject may lead us to recognize possible identity representations with few studies.

**Key words:** Hélio Serejo. Borders. Identity. Memory. Literary. “New subjects.”

---

<sup>1</sup> Docente do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul/IFMS. E- mail: [elismar.anastacio@ifms.edu.br](mailto:elismar.anastacio@ifms.edu.br)

*PV. 07.11.2001*

*Estimada Lora Bertoluci, saúde e paz.*

*Recebi sua linda carta. Linda e fraterna. Interessei-me do assunto. Fiquei grandemente honrado. Sou um caboclo muitíssimo sensível.*

*Não repare a tristeza da letra...tenho sério problema na mão direita.*

*Um fraterno abraço – Hélio Serejo.<sup>2</sup>*

Insistimos na inserção de nosso posicionamento de leitora da obra de Hélio Serejo (1912-2007) na adolescência, sobretudo porque de lá – de leitora na/da fronteira, Bela Vista/Brasil e Bela Vista/Paraguay – para cá – pesquisadora da obra -, há um espaço temporal considerável, além de vários acontecimentos e amadurecimentos teóricos, em específico, sobre as literaturas de fronteira.

As histórias de “galpão” e a academia foram se espreitando e se estreitando por meio de um “balbuciar teórico”, cuja fundamentação deslocou-se para o local e colocou olhos, ouvidos e bocas em “Muitas povoações ervateiras [...] transformadas em cemitérios” (Livro 23, p. 74) enterradas em histórias contadas por quem escreveu no fio da esperança de “ser útil” um dia. Utilidade que vem sendo (des)construída agregando concepção além binarismo “útil x inútil”, além, muito além e bem ali, no entremeio da fissura de respostas, findas e prontas, determinadas como dois e dois são quatro.

A leitura da obra de Hélio Serejo leva-nos a hipótese de que Serejo autor/narrador/personagem cria um universo narrativo permeado pelo contexto histórico do qual afirma ter conhecimento, uma vez que vivenciou o desbravar dos ervais; identifica-se com os fatos e atos contados em suas narrativas de enredos relativamente planos; conta, por meio da aparente retratação do real, procurando referendar a vida nos ervais: “Arregalaram-se-me os olhos [...] Nada escapara dos meus olhos interrogantes. Era, em verdade, um menino, que tudo queria saber.” (Livro 34, p. 75).

Na fronteira de suas experiências de fato, e na confluência dos fatos criados pelo ato de narrar, autor/narrador/personagem e sujeito histórico se integram em prol da criação de uma realidade transfigurada pelo real. No entremeio de fatos vividos e recriados está o fazer

---

<sup>2</sup> Carta recebida de Hélio Serejo, quando lhe comuniquei o interesse em realizar pesquisa – mestrado – da obra dele.

literário de um sujeito aparentemente descompromissado com a denúncia, um narrador que se passa por um eterno apaixonado pela escrita e pela vida rústica de mata adentro. Um olhar magnetizado pela terra, como ele próprio define em *Ronda do entardecer* (Livro 11, p. 09): “[...] o cheiro forte dos brejais, o gorjeio festivo da passarada, o mormaço que se dilui aos poucos, o aroma das flores, os ruídos da terra...” todavia nas narrativas estão incrustadas histórias de exploração, de coragem, de medo, da “lei do mais forte”. Advém, daí, a hipótese: Serejo revela, além da cor local, questões para além do exótico e do pitoresco. Insere, “no mundo bruto da erva”, o homem e a vida do explorado, aquele que passa a se aventurar na fronteira Brasil-Paraguai motivado pela possibilidade de trabalho na Companhia Erva Matte Larangeira (1882-1943), empreendimento desencadeador do trânsito na fronteira.

## Desenvolvimento

Vamos recortar uma das noções de utilidade pela vertente do “Mal-estar da pós-modernidade”, de ebulições borbulhantes, alavanca incômoda, que nos desmobiliza, mas nos dá sustentação para circunlóquios olhares do nosso entorno atemporal. Recorremos, então, à Bauman:

Resta agora, à obra de ficção, desvendar essa variedade particularmente pós-moderna de ocultamento, colocar em exibição o que a realidade tenta socialmente, e com afincos, esconder – esses mecanismos que retiram da agenda a separação entre verdade e falsidade, tornam a busca de sentido irrelevante, improdutivo e dia a dia menos atraente. Num mundo permeado de ironia, é a vez de a arte se tornar séria, defender essa seriedade que o mundo socialmente produzido transformou em quase ridículo. Depois de desmascarar as solenes e melífluas simulações dos modernos legisladores da verdade, a ficção artística, essa grande escola da imaginação, empatia e experimentação, pode então prestar serviço inestimável aos solitários, frequentemente confusos e aturdidos intérpretes pós-modernos do significado e do sentido. (1998, p.89).

A consciência do homem do nosso tempo, atravessada por algumas gerações letárgicas, vem resultando em um debruçar-se investigativo sobre o espaço em que se está, de onde se fala, com quem se fala, para quem se fala – se é que há interlocutores. Movimento que se projeta para a dúvida, para o possível, o provável, impulsionado por outros atos e fatos encobertos pelo manto da história “Real”, pela vigência de valores selados em um tempo justificado pela maneira de pensar e agir.

Entretanto, estamos, em um outro tempo que muitos denominam pós-modernidade. Independentemente, do cunho e das rubricas cunhadas pelos teóricos, fato é – continuamente – estamos em um tempo de ruptura em relação ao que antes havia. Um tempo, em específico, na acepção de Hutcheon (1991, p. 13) que se abre a auto-reflexão movido por uma "força problematizadora".

Esse incômodo olhar oblíquo vai, ao final do século XX, subsidiar estudos de obra e autores “de pouco valor literário”, se comparados aos padrões estabelecidos pela crítica canônica. Esse “novo” olhar emerge, sobretudo, da crescente necessidade de se auto conhecer, de saber da própria história contada por vertentes não oficializadas - no presente - em uma relação diacrônica, estabelecendo referência, portanto, com o passado, motivado pela suspeita de que muitos espaços ficaram em branco no decorrer dos tempos. Achugar (2006, p.47) ajuda-nos a prosseguir em busca do “tempo perdido” por considerar que “A relação entre passado e presente é uma relação entre passado e futuro”. Os novos olhares, desse novo tempo, abrem possibilidades de estudo de um autor que mantém relação referendada em um contexto histórico de fronteira local e ousa narrar e descrever suas lembranças, nas quais o autor incorpora muitas outras, esquecidas. Alguns fiapos desse discurso escrito, perpassado pelo oral, centrado em passagens possíveis de terem ocorrido em um tempo histórico, poderão levar-nos a indícios de como se deu a formação do Estado de Mato Grosso do Sul, além das evidências de maturidade identitária em relação ao sentimento nacionalista do nativo para com sua terra.

Como se pode perceber no trecho da singela carta – epígrafe – a sensibilidade do escritor para a vida da fronteira revela-se em sua escrita, quase sempre, pela via da simplicidade, do amor ao supremo, de um “*con permiso*” para adentrar ao contexto da academia. Dessa singeleza, o plano histórico da vida do autor e da formação do sul do Mato Grosso do Sul, no apogeu da extração de erva mate, foram lidos por muito tempo, com mais intensidade, sobretudo, porque Serejo coloca-se como narrador, aparentemente espontâneo e entremeia, quase sempre, o viver fronteiriço, à sua vida pessoal, articulando-a a particularidades lembradas com a generalização, ou a “parte com o todo”, reinventando histórias que foram contadas.

Se aliarmos as temáticas recortadas: vida de erval e vida de peão de fazenda, transitando de lá – tempo do narrado - para cá – tempo de recepção -podemos levantar

incidências que nos levam a ampliar a leitura e estabelecer relativa consonância entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, devido, primeiramente, à apropriação que o narrador faz dos usos e costumes “dessa gente” inserida em um ambiente de fronteira. Segundo, a voz que conta é a mesma que vive – ou viveu – a história do fato; terceiro: os recursos estéticos – ou a ausência estética tradicional – “falam” pelos fatos, tanto que não vê o homem de fora: fala por ele. Assim, plano da expressão e plano do conteúdo se cruzam - nem sempre se fundem –, propiciando um terceiro espaço que nos seduz a investigar.

A publicação de Serejo, sempre autônoma, data de 1935 a 2004. Em seus livros, há de tudo um pouco e revela-se o amor pela poesia, pelas coisas do sertão, pela beleza da flora e fauna. Compilados em *Obras Completas*, em 2009, o conjunto da obra<sup>3</sup> tem proporcionado estudos esparsos por programa de graduação e pós-graduação, com destaque para a Universidade Federal da Grande Dourados. Entretanto, ainda, os livros de Serejo não são lidos nas escolas de Mato Grosso do Sul e sua obra é reconhecida, em consenso mais amplo, como memorialismo histórico. Todavia, desse memorialismo desprendem-se fiapos de um fazer literário nativo, sustentado pela força da paixão pela escrita, alimentado pela vaidade e prestígio do reconhecimento de ser autor, muito habitual em contextos emergentes. Os fios desprendidos da tessitura entremeada pela memória histórica resultam em nuances subjetivas sugestivas de conhecimento da história encoberto por copiosos capões de erva tão da terra como o autor.

A fim de podermos conhecer o repertório de leitura do autor, realizamos investigação por meio da *Poesia mato-grossense*, obra lançada em 1960, na qual Serejo reuniu vinte e nove poetas do, então, estado de Mato Grosso e propôs uma espécie de crítica, seguida de síntese biográfica e alguns poemas dos autores selecionados.

Serejo revela-se ali conhecedor de Valéry, Mallarmé, Baudelaire, Poe, Heine, da poesia simbolista, parnasiana, do romantismo, conhecedor da poesia da “nova arte” contida no poema “Greve”, de Rubens de Mendonça (1915): “Veio a Polícia/ Houve tiros.../Depois só ficou um/trapo da camisa do/operário,/sujo de sangue/como se fosse ban-/deira vermelha,/a tremular no ar!.../.” Reconhece que o poeta “oferta versos modernistas tão bem coordenados que não causariam desdouro se figurassem ao lado das produções desse mesmo gênero da lavra do excepcional Carlos Drummond de Andrade” (Livro 16, p. 32).

<sup>3</sup> A Fundação de Cultura/MS doou a todas as bibliotecas escolares de Mato Grosso do Sul as *Obras Completas* de Hélio Serejo.

Denomina “modernosos” os poetas Wladimir Dias Pino (1927) e Benedito Santana da Silva Freire (1928). O primeiro, “[...] como se quisesse descrever, penetrar, esmiuçar os contornos e o interior de uma pirâmide egípcia, leva ao papel [...] luz, sombra, calor, pensamento, ação... [...]” (Livro 16, p. 63). Silva Freire, para Serejo, aproxima-se “à realidade poética contemporânea”, tem lugar assegurado na “Nova Poesia Brasileira”. Serejo mostra-se encantado pelo vigor e pela “coloração espontânea” resultante da poesia do cuiabano.

Também soube avaliar a poesia de “versejadores simples”, aqueles que não se submetem ao verdadeiro rigor formal, entretanto, produzem “maravilhosos poemas em prosa”, como é o caso de Otávio da Cunha Cavalcanti (1884) ou considerar Tertuliano Amarilha (1924), poeta da fronteira, cujos versos espontâneos e sinceros, às vezes de um lirismo ingênuo, próprio de poetas, segundo Serejo, “que vivem deslumbrados pelo amor ou fustigados, constantemente, pela deusa cruel da saudade” (p. 127), conquanto, entremeados ao sonho e romantismo de homem simples.

Para falar da poesia de Pedro Medeiros (1890) recorre a Paul Verlaine “[...] naquele sentido que o *pauvre Lilian* tão intensamente sofreu. Boêmia em seu nobre, generoso e elevado sentido, em que a vida se funde [...], resultando aquela poesia que é a *excitatrice d’acts vitaux*” (p. 139). Refere-se ao “Sr. Mário de Andrade” e a seu engajamento público. Conclui demonstrando leitura diversificada e clássica: “Essa vida torturada, incerta incompreendida e dolorosa fica sendo, no fundo, como o Coração de Pedro Medeiros: – Antro, Caverna, Alcouce e Catedral” (p. 140).

Serejo abre a análise sobre Lobivar de Matos (1915-1947), afirmando que “Não se pode falar em poesia modernista em Mato Grosso sem se fazer referência a esse saboroso versejador [...]”. Recorre a Thomas Carlyle (1795 - 1881), “No apurado conceito carlyleano, o poeta é uma figura heróica pertencente a todas as idades”. Diz da poesia essência de João Antônio Neto (1920): “O poeta é ao mesmo tempo Camões, Dante, Casimiro, Luís Guimarães, e pela profundidade dos conceitos e harmonia da métrica, Manuel Maria Barbosa Du Bocage” (p. 162). No mínimo levantamento, percebemos que Serejo foi um estudioso da literatura brasileira, universal, bem como da literatura local de seu Estado.

Revela, ainda, com bastante frequência, ao cotejar os poemas em *Poesia Sul-matogrossense*, ser um sujeito que se estabelece na mescla da concepção de belo, enquanto perfeição formal “[...] rigor da majestosa escola parnasiana que ‘preconizara a perfeição do

metro e a justeza da rima’ (Livro 16, p. 26), bem como a poesia romântica “imagens vivas de um novo mundo poético, [...] que pende, prazerosamente, para o romantismo” (p.110). Exalta, ainda, os ‘exímios’ sonetos produzidos pelos conterrâneos, bem como reconhece a cadência de versos livres e brancos de Drummond e Mário de Andrade.

Sua sensatez em analisar, sem julgamento de valor e com conhecimento amplo de tendências literárias – romantismo, parnasianismo, simbolismo, modernismo –, a produção dos autores compilados, expõe-se como sujeito de um momento histórico – início do século XX – entre fronteiras literárias, com mais veemência, quando analisa o poema sem a preocupação de enquadrá-lo em um movimento literário. Reconhece traço modernista nos periféricos estudados, mas não os limita a enquadramento. Tece observações que, para um homem de seu tempo e de formação informal, deixam transparecer concepções pouco convencionais, como: “[...] seria um excelente regente de orquestra, pois [...] traz músicas para dentro de sua poesia, embora seus decassílabos sejam esculpidos ao rigor da escola parnasiana”. São essas pequenas frestas contidas na obra de Serejo que elevam sua ação de escritor para além de uma concepção literária, mera representação de uma realidade.

O texto de Serejo é resultante de inspiração em sua mais sublime e ingênua acepção, com o trabalho exaustivo de recriação de uma realidade local com a qual conviveu, e inspira, a ponto de se motivar para ir à busca de dados, relatos, fontes primárias e secundárias permeadas pela memória, pela lembrança. Seu conhecimento do local não é muito diferente da virtude de Franklin Távora, reconhecida por Candido (2006, p. 616), e censurada em Alencar por conhecer pouco o cenário geográfico de sua obra. Já Távora demonstra, na análise de Antonio Cândido, além de profundo conhecimento da área canavieira, a qual soube descrever com “amor topográfico” a paisagem econômica que se completa com a roça, com a fabricação da farinha de mandioca, com os currais. Ao meio de tudo isso está o homem no contexto da cana-de-açúcar.

A verossimilhança, em Serejo, se efetiva no encadeamento pormenorizado do descritivo da região, guiado por voz saudosa que impulsiona o leitor a olhar a paisagem, criando o efeito de real, como se estivesse inserido no local, vendo – e descrevendo, no caso o autor – um espaço, além paisagem “pano de fundo”, além figuração:

Acompanhando o declive do terreno, o talhão de pasto nativo, como cerco natural por dois lados, o que favorecia o cuidado dos animais. A jusante, lado poente, aquela

moitona de caraguatá, açoita-cavalo, unha-de-gato, tuna rasteira, marmelo brabo, flor-de-espinho, maçaroca, vassoura-de-bugre, e o cipoal verde enredador que põe atrativo no concentrado rústico de colorido extravagante. (Livro 39, p. 163).

Tão real que se chega a imaginar a dificuldade de transitar, de adentrar naquela moitona que, muitas vezes, impede a passagem dos que se aventuraram em busca de dias melhores, tal qual o contador dos fatos: “Vivi esse ambiente arrebatador dezenas e dezenas de vezes na mocidade de muitos pensamentos e de decisão inquebrantável de lutar para ser alguém na vida (Livro 39, 163). A paisagem virgem, impenetrável ao primeiro esforço para ultrapassá-la, rústica, amplia as dificuldades de acesso, atribuindo maior grandiosidade aos atos das personagens. As dificuldades não diminuem o encantamento e reconhecimento que o homem do local tem pelo seu ambiente e Serejo confirma esse sentimentalismo de louvor: “Esse foi o meu mundo, durante vários anos. Vivi intensamente essas paragens e as vias, por gosto, por predileção violenta ao sertanejo, ao meio bruto e ao cheiro característico das matas, várzeas, cerradais, paludes e campo” (Livro 39, p. 163).

Outros aspectos considerados por nós em boa parte das narrativas estudadas se referem à forma como Serejo enreda as histórias e à construção da personagem, quase sempre identificadas por codinomes ou pela origem, com mais intensidade, pela função braçal que exerce, como é caso do mayordomo, barbaquazeiro, personagens transfigurados e nomeados pela função exercidas no mundo bruto da erva. O mosaico de vozes – a voz que conta permeada pela voz que depõe – ao longo das narrativas, surte o caráter de verdade à bravura do destemido, além de uma espécie de encorajamento já que “O drama do erval alucina-o e absorve-o” (Livro 23, p.72). Ao interferir na história do que veio – ele que já estava – transfigura-se em personagem que vai tecendo, nos vãos, “[...] as páginas dramáticas da história da industrialização da erva-mate, além do “herói anônimo”, (Livro 23, p. 72) a sua própria história. Os depoimentos, as confirmações do tipo: “Eu vi, estava ali, conheço essas paragens, andei por longa data por estes lugares...” além de ampliar as dificuldades, como já foi dito, presentificam a saudade do homem distanciado de seu meio de origem, “[...] é fazer o passado, presente, numa satisfação de caboclo que, revivendo, sente-se compensado dos tormentos da vida.” (Livro 23, p. 172).

Ao se referir a si próprio e aos que vieram – como seu pai – e fincaram raízes, escolhe um vocábulo híbrido, mistura de linguagem oral, com forte sotaque guarani e de uso do vocabulário gaúcho: “Povuro é o musgo da árvore centenária e o musgo, a ela se incorpora e



passa a viver de sua mágica incorporação vegetativa. Segue, tempos afora, agarrado à umidade de líquido alimentador, enfrentando as intempéries” (Livro 39, p. 112). Andante – que ele também se torna – e povueiro – esteio poderoso – alicerce, que finca raízes, que gruda, solidariamente ajudaram “[...] a construir a pátria charrua” (p. 172), na visão do sujeito que deseja o progresso, mesmo vivendo em condições de exploração. Revela, ainda, a influência do modelo positivista na formação sócio-política brasileira, uma vez que o progresso justifica as ações, descaracteriza os vínculos, enaltece os atos, conforta as dores... Com isso, o anônimo traz o homem coletivo, descentrado, deslocado, sem muita consciência de onde veio e para onde vai, mas que não deixa de projetar-se no contínuo movimento incerto da “mata adentro”. Possibilita-nos repensar que a identidade é formada na interação entre o eu e o *locus* enunciativo. Mais, ainda: rompe com o homem idealizado, contínuo ou idêntico ao longo de sua existência, evidência o “eu real”, que vai se constituindo em um diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem, segundo Hall (2006, p. 11). Não será Hélio Serejo fazendo uso da palavra para falar dos homens desbravadores, para contar histórias dele e de todos nós?

Consideramos, ainda, que Serejo transita pacificamente na fronteira entre “picadas adentro” e na vida da cidade constituída pela localização em que está. É um sujeito do início do século XX, que se situou na mescla das pequenas localidades urbanas, possui boa relação com o “mundo das letras” e exercita os créditos vividos nos ervais de forma aparentemente saudosista ao recriar personagens que se integram aos relatos – fato histórico – ambigualmente, efetivados pela exaltação, pela grandeza do ato, pela bravura pujante. Para tanto, presta “Homenagem de reconhecimento” ao bravo peão paraguaio e a mulher guarani, criaturas que, para o autor, enfrentaram a cruel sorte e martírio, “[...] na grande e vigorosa arrancada da épica penetração ervateira.” (Livro 23, p. 89).

As homenagens, os credenciamentos e inserção das personagens anônimas, relativamente planas, zelosas de seus deveres, potencializadas em heróis e heroínas dos ervais, vão revelando, no conjunto da obra, um tempo em que o homem esteve à mercê da sorte, um tempo em que a fronteira esteve aberta à entrada de mão de obra barata para não dizer explorada, um tempo em que a fronteira estava aberta à exploração estrangeira, tanto que a erva era beneficiada na Argentina.

O homem local que se faz autor das narrativas estudadas – o autor Hélio Serejo –, não deixa de ser, também, um homem híbrido, se partirmos da perspectiva de que fala Hall (2003, p. 88-89) ao se referir às pessoas traduzidas, aquelas que se transportam por entre fronteiras, na acepção etimológica da palavra tradução, do latim “transferir”. O teórico discute, ainda, o conceito de pessoas traduzidas, pessoas pertencentes a culturas híbridas, as quais embora dispersadas para sempre de sua terra natal, possuem fortes vínculos com seus lugares de origem, com a sua história, e são obrigadas, no nosso entendimento, devido às condições de sobrevivência, a negociar com as outras formas de viver. Passam, pois, a conviver com outras formas, em outros contextos, em outros locais, situações e fases da vida, em um processo contínuo. Valemo-nos desse raciocínio para reconfirmar que o autor estudado, também, é um “dispersado” fronteiriço e boa parte de sua produção foi escrita quando não mais residia na fronteira, mesmo que tenha anotado “[...] tudo no histórico *cuaderno argentino*”. (Livro 37, p. 267).

Em *Contas do meu rosário*, obra lançada em 1970, organizada como Livro 22, em *Obras Completas*, Serejo resenhou vida e obra de alguns autores, como: Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Monteiro Lobato e a poesia xucra do Rio Grande do Sul, com destaque para Jayme Caetano Braun e Dimas Costa. Embora não seja uma obra que apresenta investigação de tese, contribui para entendermos um pouco a formação intelectual do autor, tanto quanto o referencial de leitura, os vínculos e influências, bem como a concepção de autoria, da “predestinação” que Deus deu ao poeta. Um homem que “Dia e noite, ao entardecer ou na madrugada fresca e silenciosa”, foi juntando, conta por conta, seu “rosário de divagações literárias”, por meio das quais exercitava a escrita, o desejo de escrever. Dessa compilação, avulta-se a preferências – na poesia – e de vocábulos na prosa, da tradição sulina; traço presente em textos serejianos.

No contexto da Literatura brasileira, Serejo se apresenta como um sujeito local compromissado com a memória histórica de um tempo, lugar e pessoas com os quais possui relação identitária. Esse compromisso respalda-se na aptidão inata do autor para a literatura, no gosto da escrita. Gosto e compromisso fundam uma literatura de fronteira, mesmo que seja nas produções em que compilou a história da cidade em que nasceu, *Nioaque (Um pouco de sua história)*, obra escrita, segundo o autor de forma despretenciosa, exercício de pesquisa em descoloridos manuscritos, livros nacionais e estrangeiros, revistas, álbuns e dezenas de

publicações formada também com depoimentos de “valerosos informantes”. Estes constituem extensa relação de nomes de informantes e ausência das fontes referente às obras consultadas – segundo o autor as obras consultadas constariam do volume II, o qual não foi escrito<sup>4</sup>. Nesta obra, o nioaquense explica que:

Nas pesquisas históricas não podemos fugir, é certo, aos pontos obscuros e aos fatos de dupla interpretação, daí surgindo, então, o valor das informações de terceiros, dentre os quais, no peneiramento o pesquisador encontra, invariavelmente, o texto que mais correto e verídico lhe pareça, para registro dos fatos pesquisador nas pesquisas históricas.

[...]

No relato histórico procuramos ser fiéis, nos mínimos detalhes, sem adentrarmos a trilha perigosa do “possivelmente” e do “talvez foi isso”.(Livro 33, p. 318).

Como se pode depreender, trata-se de uma obra organizada sob a tutela da pesquisa, de levantamento e cruzamentos de dados orais e escritos, os quais passam a integrar um terceiro texto, aquele que diz da interpretação do autor, como é o caso (Livro 33. p. 258): “O povo foi chegando. E o Apa, o Nioaque, o vale do Miranda, o Cavo, o Desbarrancado e o Canindé foram tendo suas margens povoadas. [...] ia se erguendo, nos lindes avançados do Império, uma civilização de esperanças”. Nestes pequenos vãos textuais, o compromisso com a memória histórica de um povo se transfigura pelo desejo da escrita.

Serejo não tinha um projeto literário, muito menos optou por um gênero textual; definia-se como um sujeito que gostava de escrever. Pela prática da escrita, da consulta aos “compêndios” foi escrevendo. Há muitos e muitos autores “inspirados”, amadores que escrevem e se fazem poetas, escritores... Todavia, redigem um ou alguns livros. Quase sempre tematizam amores, dores, paixões; muitos outros contam a vida familiar, optam por autobiografismo, tornam-se acadêmicos. Serejo também veio por este caminho. Entretanto, sua uniformidade está em não ser uniforme em relação ao gênero, pois fez de tudo um pouco, de forma irregular, se avaliarmos, por exemplo, as narrativas, com base nos elementos do texto narrativo. Há irregularidades, incompletude, dispersão de elementos. As probabilidades de que fosse diferente – tivesse domínio pleno de conhecimento de estrutura textual – são escassas, já que se fez na fronteira. Sujeito de um tempo, meio e formação, Serejo vai optar por retalhos estruturais muito apropriados aos fragmentos de histórias ficcionalizadas pelo

<sup>4</sup> Informação contida na obra que acompanha as *Obras Completas*: Campestrini, H. *Trilhador de todos os caminhos: vida e obra de Hélio Serejo* (2008, p. 63).

viés da lembrança de ter vivido, por ter lido e por ter ouvido contar. Incide, assim, uma espécie de originalidade às avessas, sem que fosse sujeito irreverente, sem que quisesse fundar padrões, mas insiste em continuar escrevendo da forma como consegue, embora tivesse noção de padrões estéticos.

Por meio dos retalhos narrativos, o autor manifesta aquilo que Ferdinand Denis<sup>5</sup> tentou dizer aos – dos – autores brasileiros: “[...] a América deve ser livre tanto na poesia como no seu governo” (DENIS 1826, apud CANDIDO 2006, p. 637). Serejo, embora estudasse os românticos, fez sua liberdade e escolheu recontar o que viu e ouviu das histórias transitadas na fronteira.

O fato de não ter visto mais o índio na fronteira, certamente, advém das condições sócio-culturais. Por não ter idealizado, reafirma sua visão de sujeito inserido dentro do seu espaço com olhar voltado para o próprio espaço. Sua posição é original e emancipada duplamente: está em condição literária periférica e enxerga aquilo que muitos autores demoraram para ver, o próprio *locus* enunciativo.

Assim, estudar a produção de Hélio Serejo equivale a abrir uma gaveta recheada de fotografias que não foram clicadas por quem as vê, mas, em seu verso, há impressões de quem viveu o momento, quer seja como fotógrafo, quer seja como fotografado. Assim, há referências situacionais, em específico, na obra de Serejo, ao plano histórico, vinculado a acontecimentos de fronteira, Brasil – Paraguai, em um tempo de pós Guerra da Tríplice Aliança, sendo o autor sujeito do local de que fala na obra – fotógrafo e fotografado.

Para Chalhoub & Pereira (1998, p. 8), uma obra literária possui evidência histórica objetivamente determinada, está situada no processo histórico. Em detrimento disso, apresenta propriedades específicas que possibilitam questionamento. Para tanto, devemos averiguar as condições de produção, as intenções do autor, quem é o autor no contexto da escritura, sua relação com o meio. Cândido (2006, p. 22) em *Literatura e sociedade* detalha, com bastante precisão, a polêmica de se estudar uma obra agregando aspectos internos e externos, uma vez que conferir, tão somente, a realidade exterior para entender uma obra, pode resultar em uma simplificação causal. O crítico defende, então, o reverso do processo adotado pelas teorias tradicionais de estudo de texto literário, já que o social – externo – não é espelho por meio do

---

<sup>5</sup> Nota contida em Candido (2006, p. 773) “Quanto a Ferdinand Denis, eis a referência completa da sua obra, nunca reeditada: *Résumé de l’ Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de L’Histoire Littéraire du Brésil, Lecoinge et Durey, Paris, 1826*”.

qual uma obra reflete uma realidade, mas interfere na constituição de sua estrutura, tornando-se, portanto, interno (Candido, 2006, p. 17).

Compreender o enfoque mais abordado pelo autor, a escolha e entendimento da temática, a compreensão e a expansão de determinado tema; compreender as condições em que a obra foi escrita, significa interpretar os aspectos estéticos, sendo que, externos e internos, passam a integrar a estrutura total da obra.

### **Apontamentos finais**

*As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre `a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seus presentes com seu passado e imagens que dela são construídas". (HALL, 1998, 51).*

Recuperando o desejo geral deste estudo: como “[...] a imensa fronteira abandonada” (Livro 23, p. 93) está representada pelo contar do homem local que se integra e multifaceta em autor/narrador/personagem, avaliamos indícios de que Serejo tenha resenhado, no conjunto de sua obra, com mais incidência, as relações de força, mando e comando de um estado de poder exercido pela Companhia Mate Laranjeira dentro do próprio Estado do, então, Mato Grosso. Essas relações, pelo olhar do fronteiriço, recuado no tempo e local, fortalecem o convívio entre os que estavam e os que “foram chegando”, os quais passam a viver dominados pela força do trabalho braçal.

Os que vieram e se “converteram” em “homens de aço” fizeram da pretensão de dias melhores, do “além”, tão discutido por Bhabha, um “espaço de intervenção no aqui e no agora”. A atitude de reconverter a expectativa do “além”, no hoje, pode ser compreendida como a ausência de perspectiva além vida no “inferno do caá”.

Recuperando, então, a vida do autor e os fatos históricos, atribuímos a Serejo, no conjunto de sua obra, a “bravura”, “perseverença” e “fé” em não se deixar corromper pelos ideais literários acadêmicos, tanto que avisa a Academia na ocasião de posse: “Serei aqui, caboclo rústico, de gestos desengonçados, homem fronteiriço...” (Livro 50, p. 183) e continua escrevendo, mesmo sem ter um projeto literário, embora tenha desejo de escrever muitos livros.

Acontece que as ações de vida de Serejo, as quais consideramos como aspectos externos, preponderantes para a interpretação da obra, levaram-nos a avaliar considerações relevantes, tais como: *O Trilhador de todos os caminhos*, denominado por Campestrini, é metáfora de sua própria obra e sendo filho da fronteira, transfigura-se em metáfora da história da formação do Estado.

Depois, a experiência e o conhecimento da voz que conta, permeando inserções de histórias pessoais com histórias reinventadas de sujeitos em trânsito na fronteira de mata adentro, ressoa polifônica, um mosaico de trilheiros de vozes que dizem da formação da fronteira. Se quisermos ouvir a voz do nativo, para sabermos suas considerações referente à Guerra e ao empreendimento da Mate, ouviremos a voz de Serejo dando “carta branca” aos que vieram do país vizinho, sobretudo, por dois motivos – experiência na extração da erva e desprestígio social, político e econômico em tempo de Guerra perdida. Ouviremos, ainda na voz de Serejo, a força do ideal colonizador e a extensão de lastro cultural até mesmo em “fronteiras abandonadas” e início de século XX.

Transparecem em atitudes, ações e comportamentos do narrador/sujeito/cidadão/Serejo as marcas do império colonizador, as quais fincam raízes e brotam em narrativas em que as personagens – e o próprio Serejo – estão sempre muito agradecidas pelos que vieram servir de mão de obra para explorar o capital nativo e reconhecidas por explorarem – no caso, a Mate – aquilo que o Estado não deu condições para os que aqui estavam explorar devido à miséria intelectual, cultura e social. A história de vida de Thomaz Laranjeira representa muito bem as razões que o levaram a realizar o maior empreendimento da História da Fronteira: era um “homem viajado”, tinha conhecimento, foi beneficiado politicamente; adicionou tais privilégios ao “faro” comercial e ficou para a História como mártir dos ervais, embora muitos anônimos tenham sido martirizados.

Outro aspecto merecedor de olhar por debaixo das trilhas, incide na possibilidade advinda de teorias periféricas, as quais alargam a visão e permitem a relação da vida com a obra, sem que se tenha de “matar o autor”. Em consequência disso, avaliamos a história pessoal do autor: não era Serejo um “homem viajado”, também? Não será o deslocamento um fator contribuinte para que tivesse saudade e, saudoso, se recordasse e, ao recordar refizesse parte de sua história que é parte da história local, do Estado e das demais histórias de povoamento?

Retomemos, então, as partes já analisadas: Serejo começa a vida em trânsito, já que a família se desloca da fazenda em que nasceu, São João – do rural – para o povoado de Ponta Porã aos dois anos e lá cresce fronteiriço de passadas secas. Ao passo que vai crescendo, não se sabe ao certo, começa a “pespegar gosto” pelas coisas de leitura e escrita, tanto que, como já anunciamos, escreve – do conteúdo pouco se sabe – para um jornal de uma currutela próxima a Ponta Porã. Como seu pai, ele também tinha relativa experiência de vida em trânsito, e já tinha exercido função política; possivelmente, essas experiências lhe proporcionam condições para que pudesse, embora em escala menor, montar um empreendimento, de bolcheiro; passa, então, a dono de ranchada. Em *El viejito Poincaré*, há boa referencia a este tempo. Nesta ocasião, o jovem Serejo, vai aos poucos – primeiro tudo anota e fica alarmado com a realidade –, se adaptando ao trabalho no erval ao ponto de se “tornar um verdadeiro ervateiro”, experimentando pela força da necessidade, várias funções. Além do trânsito nas trilhas, Serejo “sobrevive” à dramática e lendária aventura na Ilha das Flores, contada em *Bode expiatório*. O cabo escritor que havia estreado “nas letras” em 15 de novembro de 1935, volta ao seu local de origem “Um farrapo humano”. Seu primeiro “livreto”, *Tribos revoltadas*, espécie de “novela íncola” com 199 exemplares<sup>6</sup> foi “juntamente com milhares de papéis transformado em cinza, produzida por uma bala de canhão que acertou o prédio da casa de ordem e as chamas se alastraram [...]” (Livro 1, p. p.7). Ao chegar em sua terra natal “mais morto do que vivo” “afunda-se no erval”. Muitos outros deslocamento sucederam-se. Já pai de família e, finalmente, sem planejar, fixa morada em cidade do interior paulista, de onde passa a escrever boa parte de seus sessenta “livretos”.

A recapitulação consciente, além de servir como recurso para assegurar a junção das partes de sua história transcritas da obra, funciona como argumento para defendermos o atrelamento da história da vida à história da escrita serejiana. O trânsito entre fronteira do ir – ao erval – e vir – a cidade – e os vários deslocamentos ao longo da vida fazem parte da constituição do sujeito transculturado, misto de “bugre com arremedos de homem civilizado”.

Assim, em seus textos, há vestígios do pensamento do homem local, colonizado, explorado, desejoso por dias melhores. Do outro lado da constituição fronteiriça de sujeito distanciado, emerge como força de água borbulhando da terra, como em *Cacimba*, as ebulições reflexivas – prenúncio de consciência – de sujeito misto de “homem-cruza campo e

---

<sup>6</sup> Segundo o autor, “Um único exemplar foi retirado, tendo-o ofertado, a José de Almeida Cardoso, no dia seguinte, em nome do autor, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro” (Livro 1, p.7).

trota-mundo”, que devido as relações estabelecidas como sujeito em trânsito, começa a “balbuciar” o passado, sem ter pressa de julgar “a própria sorte”, mas as palavras já explodem, mesmo que intercaladas pela voz de quem conta pelo outro. O balbuciar teórico fundamenta a versão de que Serejo, sujeito condoreiro, faz-se voz daqueles andantes “planetas sem boca” (Achugar) que balbuciam, quando muito, expressões soltas, as quais Serejo faz questão de cunhar com sotaque, timbre e força vocabular nas narrativas que compõem sua obra. O que poderia ser considerado ausência estética, mostrado pelo avesso, resulta em fiapos *sui generis* da produção de um sujeito destituído da desgastada classificação binária, brasileiro ou paraguaio, patrão ou peão, colonizado ou colonizador....Esses fiapos podem ser lidos como a própria formação do sujeito contemporâneo tão discutido pelos teóricos, aquele que se forma nos vãos das partes pela hibridação cultural.

Para Canclini (2003, p.34), em locais em que chega a possibilidade de modernidade, chega, também, a hibridação, fenômeno social que não rompe o tradicional, entretanto insere-se mesclando características por meio da justaposição de diferentes temporalidades, artefatos e lugares, sendo que o processo de hibridação resulta na (re)configuração dos lugares e das identidades. A simplificação e naturalidade com que Serejo conta as histórias de um tempo e lugar, diferenciam-se do esforço de muitos autores do início do século XX, os quais defendiam “Um Brasil brasileiro” pela ótica do olhar estrangeiro.

Serejo pincela na aquarela literária brasileira um ponto vital das discussões do início do século XX: a bandeira por uma consciência nacionalista, contrária ao ufanismo patriótico, sem causa, motivado pela ideia de exaltação da pátria, demonstrada nos textos pela descrição exacerbada, pela visão unilateral da realidade, cuja expressão se dava por meio de construções, por vezes carregadas de escolhas e combinações ao gosto europeu. Embora tenha estudado os românticos, Serejo distancia-se destes e pega trilheiros linguísticos mais costumeiros à sintaxe e ao vocabulário do homem fronteiriço. Vale ressaltar que muitos foram os desvios – de toda ordem “corrigidos” na revisão da obra, quando do projeto de organização das *Obras Completas*. Daí, vagueia a indagação: não seria desvio estético? Mas isso é plano para mais um estudo.

No caminhar dessas considerações, recorreremos a Achugar e nos posicionamos meio ao estilo interrogativo do teórico: será que pensar o passado implica pensar a construção do presente ou o presente é construção do passado? Considerando que há muito espaço para



exercitar possíveis respostas, optamos pela alternativa indicativa de um representante da vertente de que o presente é passado em tempo posterior aos fatos transcorridos: no caso o autor Hélio Serejo ao dedicar a vida escrevendo aquilo que viu, ouviu sobre os que ontem, hoje e amanhã, nas páginas dramáticas da história da industrialização da erva-mate, serão heróis anônimos (Livro 23, p. 72).

Diante da realidade ressurgida por meio da obra serejiana, uma forma de pensarmos a construção das personagens, advém do que assinala Hall: “A identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual, certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (2003, p.104). Assim, o meio capitalista, a necessidade de braços para a extração da erva resultou na movimentação habitacional na fronteira, ao ponto de ir urbanizando o espaço, favorecendo o agrupamento, modificando o local e impulsionando o povoamento do Estado. Por meio das relações estabelecidas entre os chegantes contínuos e estabilizados no local, as quais geraram, sobretudo, trocas foi se formando a identidade do sul-matogrossense. Consideramos, para tanto, identidade como processo contínuo, decorrente das relações que vão sendo estabelecidas, sem que tenha de se despir de vínculos para suplantar outros; concepção antiga que nos dá sustentação para entender a formação dos “novos sujeitos” sem que tenhamos de “classificá-los” como “sem identidade”, mas na categoria de “novos sujeitos”.

### Referências (Obras do autor)

SEREJO, H. **Modismo do Sul de MT**. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 2).

\_\_\_\_\_. **Prosa xucra**. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 10).

\_\_\_\_\_. **Poesia mato-grossense**. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 3 v. (Livro 16).

\_\_\_\_\_. **Contas do meu rosário**. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 22).

\_\_\_\_\_. **Vida de Erval**. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 23).

\_\_\_\_\_. **Um pouco de sua história.** Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 33).

\_\_\_\_\_. **Nhá Chaló.** Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 37).

\_\_\_\_\_. **Balaio de Bugre.** Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 7 v. (Livro 39).

\_\_\_\_\_. **Sismório, o gringo bochinheiro e bandido.** Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 8 v. (Livro 43).

\_\_\_\_\_. **Textos esparsos e Glossário.** Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 v. (Livro 50).

## Referências

ACHUGAR, H. **Planetas sem boca:** Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Trad. Mauro Gama, Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Cintrão, P. H. Lessa, A. R. 4ª Ed. São Paulo, 2003.

CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M (Orgs.). **A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CAMPESTRINI, H. **O trilhador de todos os caminhos:** vida e obra de Hélio Serejo. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 127 p.

CANDIDO, A. **Formação da literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HALL, S. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovic. Trad. de Adelaine La Guardiã Rezende et al. Belo horizonte: Editora UFMG, 2006.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo – História, Teoria, Ficção.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.